



**ORAÇÃO  
PRONUNCIADA PELO  
PROF. JAYME NEVES  
DURANTE AS  
HOMENAGENS  
PÓSTUMAS AO PROF.  
OSCAR VERSIANI  
CALDEIRA EM 25.6.1973**

Prof. Oscar Versiani Caldeira  
21-8-1902 — 26-12-1972

*Honrou-me sobremaneira o Sr. Diretor com a incumbência de apresentar, em nome da Congregação desta Casa, a saudação póstuma ao Prof. Oscar Versiani Caldeira. A gratificação íntima implícita na honraria, entretanto, não impede, como não impediu, que me sentisse em ambivalência atroz. Entre aceitar e não aceitar a tarefa tão sublime quanto árdua, mais simples seria declinar-me da honraria, por reconhecer em outros professores melhor engenho e arte. Por outro lado, aterrava-me a responsabilidade de acatar a esta delegação, face ao constrangimento natural de a homenagem visar à pessoa de quem sou, com justo orgulho, uma extensão. E como se isto não bastasse, era forçoso reconhecer que a nossa Congregação tem sido muito ciosa no reconhecimento de seus valores humanos, evitando distribuir homenagens a mancheias, como se temesse sua dilapidação em importância e sentido. E se ela se preocupa em homenagear o Prof. Oscar Versiani Caldeira, patente está o respeito e a veneração de que se tornou credor, ao se incorporar o seu nome no patrimônio cultural de nossa Faculdade de Medicina.*

*Terminei por aceitar a missão. Dela me proponho desincumbir com humildade e respeito, convencido de que a melhor maneira de homenageá-lo é descrever-lhe os feitos, ainda que o faça a meu modo, sem pretensões de fazer-lhe a biografia.*

*Oscar Versiani Caldeira, filho de José Caldeira Brant e Augusta Versiani Caldeira, nasceu em Felisberto Caldeira, na tradicional Diamantina, a 21 de agosto de 1902. Transferindo-se a família para a Capital recém-fundada, concluiu ele o curso primário, em 1914, no Grupo Escolar Afonso Pena. Matriculou-se, em 1921, na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (então Faculdade de Medicina de Belo Horizonte), graduando-se, após seis anos ininterruptos e sem reprovações, em 1926. Desde o período acadêmico destacou-se*

pela sua dedicação ao estudo, particularmente no campo da medicina interna, experiência que começou a acumular, a partir do 4º ano, como interno da I Clínica Médica, Serviço do Prof. Alfredo Balena.

Suas atividades profissionais foram iniciadas em Manhuassu, de onde regressou a Belo Horizonte em janeiro de 1928, quando, a convite do Prof. Alfredo Balena, Diretor da Faculdade de Medicina, assumiu interinamente a Secretaria do Estabelecimento, acumulando esta função com a de Assistente Voluntário da I Cadeira de Clínica Médica. Ainda jovem, com 26 anos de idade, lançava Oscar Versiani os marcos de uma carreira que iria notabilizá-lo em todos os empreendimentos a que se propôs. Deliberadamente ou não, aliava seus estudos à familiarização com o complexo administrativo da Faculdade, adestramento que iria mais tarde se fazer sentir no exercício de sua Diretoria, por 10 anos consecutivos.

A partir de 1929, as atividades de Oscar Versiani vieram demonstrar sua inequívoca vocação para a pesquisa e para o magistério. Antes de conquistar sua primeira Docência Livre em Clínica Médica, em 1936, foi eleito Médico da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, Assistente efetivo da I Cadeira de Clínica Médica, Professor de Terapêutica da Escola de Enfermagem Carlos Chagas e representante da Faculdade de Medicina na conferência Pan-Americana de Medicina, realizada no Rio de Janeiro, onde relatou o tema "leucemias". Em 1939, após uma seqüência de pesquisas no campo da hematologia clínica, foi aprovado com distinção em concurso de nova Docência Livre, agora, da Clínica das Doenças Infecciosas e Tropicais, assumindo no mesmo ano as funções de seu professor interino. Regeu a disciplina de Clínica Médica e contemporaneamente lecionou diversos cursos paralelos: de "leprologia", organizado pela Diretoria de Saúde Pública e pela Faculdade de Medicina; de "febre amarela" e "infecções tífico-paratíficas" para a Sociedade de Médicos Militares; de "tuberculose", "blastomicose" e "disvitaminoses do complexo B" na Sociedade de Medicina de Porto Alegre; de "blastomicose" no Instituto de Higiene de Montevideu. Foi designado, em 1941, para organizar o "Curso de Especialização sobre Doença de Chagas", patrocinado pela Faculdade de Medicina da UMG, pela Faculdade Nacional de Medicina, pelo Instituto Oswaldo Cruz e pelo Instituto Ezequiel Dias. Foi convidado para tomar parte nas jornadas médicas sobre "Enfermidades Endo-epidêmicas", em Buenos Aires (1942) e, na qualidade de vogal, representou a Faculdade de Medicina na Seção de "Enfermidades Infecciosas" do 2º Congresso Pan-americano, em Buenos Aires (1941) e no I Congresso Nacional de "Enfermidades Endemo-epidêmicas", também em Buenos Aires, em 1942.

A par das múltiplas atividades representativas da Faculdade de Medicina em congressos nacionais, bem como em participação de bancas examinadoras, Oscar Versiani prosseguiu suas linhas de trabalho em medicina tropical, culminando seus estudos com a monografia "Arriboflavinose" com a qual conquistou a Cátedra das Doenças Infecciosas e Tropicais, em 1946. A partir dessa época, foram múltiplas suas atividades, destacando-se os estágios, as participações em congressos e em visitas a diversos centros universitários no Exterior, como os do Canadá, dos Estados Unidos, México, Chile, Venezuela, Bolívia, Peru, Argentina, Uruguai, Inglaterra, Portugal, França, Itália, Alemanha Ocidental, Turquia etc.

As atividades de Oscar Versiani também se fizeram sentir como Diretor da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, na chefia do Serviço Técnico de Endemias Regionais do mesmo Estado, na presidência da Associação Brasileira de Escolas Médicas — quando visitou todas as Escolas Médicas do País — e nas diversas associações científicas nacionais e internacionais a que era fi-

liado. Dentre as l ureas conquistadas, citam-se: Membro do "Mérito Médico", Medalha de Honra da Inconfidência do Estado de Minas Gerais, Membro da Academia Mineira de Medicina e Professor Emérito de nossa Faculdade.

Vice-Diretor da Faculdade de Medicina de 1950 a 1959, o Prof. Oscar Versiani Caldeira exerceu sua Diretoria entre dezembro de 1959 a 17 de fevereiro de 1970. Sua indica o inicial e as recondu es subseqüentes contaram sempre com unanimidade de votos da colenda Congrega o.

Não me seria possível reproduzir aqui os fatos marcantes que se incorporaram ao patrim nio de nossa Faculdade, durante tão longa e profícua gestão. Caso o tentasse, ver-me-ia na contingência inglória de resumir parte do exaustivo e completo trabalho realizado pelo Prof. Mário Mendes Campos, onde são relatados, com fidelidade histórica, as realiza es ocorridas na Faculdade de Medicina durante seu primeiro cinq enten rio (1911-1961). Não menos inglória seria a tentativa de sumariar a igualmente brilhante monografia do Prof. Hilton Rocha, que teve a honrosa incumbência de registrar as realiza es verificadas no dec nio 1961-1970 ou mais precisamente de escrever a história de nossa Faculdade durante a gestão do Prof. Oscar Versiani Caldeira. Neste particular, vale a leitura desta última obra. Ainda que não tenha sido, por justa causa, a inten o de seu eminente autor consagrar em vida um dos grandes artífices desse grande patrim nio que ai está, se sua obra fosse hoje escrita, por certo, o Prof. Hilton Rocha incrustaria o nome do Prof. Oscar Versiani no prólogo de seu trabalho onde se l : "que Deus guarde em seu seio os bons que já se foram, e nos ajude a imitá-los, na confec o int rmina de uma obra inconsútil".

\* \* \*

Seria estultice minha analisar criticamente toda a profusa obra científica de Oscar Versiani. Sobre o risco de falecer meu engenho, tal a profundidade de sua multif ria cultura médica, corro o risco de enfadar os ouvintes, mormente àqueles que o conheceram sob ângulos diferentes. Todavia, não fujo ao dever de aconselhar aos tangidos pelas carícias da investiga o científica que se deleitem com o estudo de sua obra. Localizado seu labor numa época em que uns poucos num País de tantos dedicavam-se seriamente ao método científico — com capacidade criadora, em busca de contribui es válidas ao conhecimento — Oscar Versiani foi, sem favor, um dos pioneiros em nossa Faculdade. Em seus trabalhos, desde os saídos a lume em sua juventude, observa-se a atitude que a meia ciência faz questão de desprezar: o respeito ao fato.

Na observa o de um fen meno qualquer, não lhe faltavam atributos de observador astuto. Para tanto, aliava o lastro de sua bagagem médica   condi o de "rato de enfermaria", como diria o grande mineiro seu amigo Pedro Nava. Por isto, suas observa es primavam pelo fausto de detalhes semióticos, por equilibrada explora o subsidiária e, o que   mais importante, pela emo o comedida ao interpretá-las. Quando a observa o se restringia ao paciente, era inexcedível na arte de conciliar os interesses da ciência com o de tratar com o doente e o de tratar do doente, que são coisas bem distintas.

A voca o científica de Oscar Versiani encontra-se manifesta desde "O bismuto no tratamento da neurolues", em 1929, até "Arriboflavinose", esta a sua obra mais alentada. De u'a maneira geral, sua contribui o científica pode ser dividida em três fases bem delineadas, que envolvia a cardiologia, a hematologia clínica e a tropicologia médica. No domínio da cardiologia, inicialmente retomou ele os trabalhos originais de Alfredo Balena, que versavam sobre "Bradicardias gripais" (1918) e "Síndrome de Adams-Stokes post-gripal" (1942), en-

feichando suas pesquisas na monografia "Bradycardias totais transitórias", com a qual conquistou a Docência Livre de Clínica Médica, em 1936. A seguir, foram publicados "Ritmo cardíaco" (1938), "Pericardite exsudativa" (1944) e "Síndromes de hipersensibilidade sino-carotidiana" (1939), ressaltando-se a originalidade deste último trabalho e a prioridade de seu enfoque em nosso País.

Utilizando de mesmo procedimento, ou seja, de sistematização de campos específicos de pesquisa, no âmbito da hematologia clínica, Oscar Versiani alia seu adestramento técnico em hematologia às implicações de ordem clínica e hematológica. Sente-se em seus trabalhos a racionalização de interpretações fisiopatogenéticas duvidosas, se consideradas isoladamente pelo hematologista e pelo clínico. Nesta linha de pesquisa foram publicados diversos trabalhos, merecendo destaque "Anemia perniciosa" (1935), "Doença de Werlhoff" (1935), "Leucemia monocítica (1935)", "Mielose leucêmica crônica" (1938); "Alterações hematológicas nos leprosos" (1941), "Manifestações nervosas da anemia perniciosa" (1944) e "Forma leucocitária na tuberculose" (1939). Esta última encerra contribuição original, com a qual conquistou nova Docência Livre, agora, de Doenças Infecciosas e Tropicais.

A maior contribuição de Oscar Versiani, entretanto, encontra-se relacionada com a tropicologia médica. Seu fascínio pelo campo de estudos mostra-se patenteado num grande acervo de publicações originais, onde se observa sua exuberante cultura de clínica e de fisiopatologia. Excetuando a patologia nutricional, que polarizou grande parte de sua capacidade de trabalho, suas publicações alcançaram uma larga faixa das doenças chamadas tropicais. Detiveram-se elas sobre conceitos de infecção, de meningites, das infecções tífico-paratíficas, febre amarela, leishmaniose visceral americana, malária, esquistossomose mansoni, hanseníase, blastomicose sul americana, hepatopatias, diagnóstico diferencial das esplenomegalias etc. Em todas estas publicações sua argúcia clínica é posta à prova, dando-lhes toque de originalidade. Assim, em "Leishmaniose visceral americana" (1943), descreve com precisão de detalhes clínicos e epidemiológicos, o primeiro caso de calazar não autóctone observado em Belo Horizonte. Caso clínico absolutamente original, onde se distinguem as relações entre a doença de Hand-Schuller-Christian e o granuloma eosinofílico, foi descrito em "Hand-Schuller-Christian's syndrome and eosinophylic or solitary granuloma of bone" (1944). Em seus estudos envolvendo a blastomicose "Blastomicose" (1945); "Lutz disease (South American Blastomycoses)", 1948, em colaboração com L. Bogliolo, chama a atenção para a tendência que possui a micose de se afigurar como doença sistêmica, fato ainda hoje admissível, mas incompreensivelmente mal estudado.

A partir de seus estudos sobre "Anemia perniciosa" e "Alopécia nas disvitaminoses do complexo B — Histopatologia", em 1944 (em colaboração com J. Lopes Faria), Oscar Versiani enfecha longa pesquisa numa monografia intitulada "Arriboflavinose" (1946), obra com que conquistou a Cátedra das Doenças Infecciosas e Tropicais. A pesquisa desenvolveu-se em pacientes internados em diversos hospitais e particularmente em agrupamentos de crianças de idade escolar. Vários grupos da Capital foram percorridos para a seleção de casos que apresentassem arriboflavinose da boca. O juízo clínico era apoiado em exames especializados, especialmente na biomicroscopia ocular e nas pesquisas de laboratório, visando a identificação de germes isolados, em provas sorológicas, em análises de urinas — levadas até as provas de eliminação de vitaminas — em exames coprológicos, em dados hematológicos, em registro eletrocardiográfico, em determinação de eletrólitos e em outras mais. A observação clínica desses casos viria mostrar a coexistência ou não de outros sinais de carência alimentar e ainda a concomitância de sintomas de outras deficiências nutritivas.

O plano de trabalho em si deixa patenteado a soma considerável de dificuldades para a sua execução, a partir do inquérito alimentar de grupos de crianças, com todas as suas implicações. Após detido exame de 104 pacientes, profusamente documentados e fotografados, conclui Versiani que dentre as avitaminoses do complexo B, a arriboflavinose é a mais freqüente. A estomatite angular é evidente e o sinal mais positivo da arriboflavinose, constituindo, com a seborréia facial e a vascularização da córnea, a estrutura tripoda fundamental deste quadro clínico. Além de outras conclusões, o autor acrescenta que "enquanto não se efetivarem medidas mais amplas com a finalidade de se melhorarem as condições de vida de nosso povo, as cantinas escolares contribuirão eficazmente para minorar a aflitiva contingência atual, mediante a organização de dietas adequadas e conseqüente educação dos escolares, o que, em parte, já se vem conseguindo, pois, para comprová-lo, basta assinalar que o maior número de doentes se encontra entre os alunos do primeiro ano"

\* \* \*

Oscar Versiani possuía verdadeira ojeriza pela meia ciência. Mordicava os lábios, num trejeito todo próprio, ao perceber que a literatura médica se enriquecia e se saturava de publicações de importância científica questionável. Entendia não deversem escrever senão os que algo viessem acrescentar ao pecúlio humano. Ao que me lembro nunca parafraseou conosco, seus assistentes, pensamentos magistrais, frases feitas, lugares comuns, buscados a esmo nos Clássicos da Medicina. Preferia os ensinamentos vivos de sua vida. Um pensamento, lembro-me bem, por diversas vezes escutei: Era de Rui Barbosa — e nada mais pontificava senão que "sob a pressão da urgência, ninguém produziu nunca, nem produzirá jamais, coisa que resista a prova do saber, do gosto e do tempo".

Se no momento, em face de nova reformulação dos métodos de ensino e pesquisa, busca-se na figura do pesquisador a razão de vida de uma Universidade, vale retroceder no tempo e reviver os ensinamentos contidos na obra de Versiani. Ao perquiridor só restará a conclusão de que o cientista de que falo, lendo Descartes e familiarizado com o acetismo dialético de Bertrand Russel, impregnou-se da dúvida metódica, para chegar à sabedoria de que não há lugar na ciência para o comodismo que envolve a atitude opiniática. Se transcende sua obra ao respeito pelo fato, seu acetismo o compelia a desacreditar dele até que constantes indagações e "porquês" lhe dessem motivos válidos para nele crer. Assim, em suas monografias "Bradicardias totais transitórias", "Síndromes carotidianas", "Blastomicose" e "Arriboflavinose", bem como em toda a série de outras publicações, o método científico nunca foi desprezado. Ali se encontram explicitos: conhecimento seguro da literatura que sustenta as razões da procura do objetivo; a coleta criteriosa de dados e seu ulterior confronto; o apreço à contribuição de outrem; o tratamento estatístico dos resultados; as conclusões objetivas. Ao lado desta atitude irrefreável, o léxico nunca foi descuidado. Tudo é escrito em estilo sóbrio e preciso, onde modulam palavras ajustadas que tornam o pensamento claro e inteligível.

A obra de Versiani não parou aí. Nem seria compreensível entendê-la estática. A pesquisa científica é dinâmica, generosa e fértil. E Versiani recusou-se sempre a entendê-la amesquinhada por privilégios de elites herméticas que, na ânsia de contê-las em suas ermidas, só a definhavam e a castravam.

Credite-se a Oscar Versiani o fato de não haver parado, mas de ter impulsionado a Clínica das Doenças Infecciosas e Tropicais, da qual foi titular até a sua aposentadoria, à iniciação na pesquisa científica. Talvez os números pos-

*sam não exprimir, com fidelidade, os resultados desta autêntica revolução de atitude. Todavia, traduzem a soma apreciável de labor de uma equipe relativamente pequena, mas que já começa a crescer. A guisa de exemplo, bastaria citar que, num período que não vai a 10 anos, a Clínica das Doenças Infecciosas e Tropicais, hoje Doenças Infecciosas e Parasitárias, possui linhas definidas de pesquisa. Alimentam elas mais de uma centena de publicações sobre patologia tropical, entre monografias, livros de texto e trabalhos originais, muitos dos quais têm alcançado repercussões no Exterior. Em concursos científicos de âmbito nacional, a equipe detém quatro lãureas. No mesmo período foram apresentados em congressos nacionais e internacionais cerca de 250 trabalhos, entre temas oficiais, conferências, painéis, seminários, mesas redondas e temas livres. Ultrapassando os limites de nossa Universidade, tem a Clínica sido convidada para apresentar seus modelos de ensino e pesquisa em congressos da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical e em diversas Faculdades de Medicina do País. Muitas dessas incumbências ficaram a cargo do Prof. Oscar Versiani Caldeira.*

*Se o objetivo da Universidade é o ensino e a pesquisa, ela não se basta com a pesquisa, como não se basta com nenhum dos objetivos isoladamente. Oscar Versiani sabia disto. Oriundo de uma época em que muitas vezes avaliava-se a grandeza de um professor pela distância e pela altura em que se colocava em relação ao estudante; em que se media o seu valor pelos rompantes e rompantes de uma erudição muitas vezes questionável; em que a comunicação era o monólogo e o estudante um acidente desvalido em sua ansiosa busca de habilidades e de aptidões, Versiani teve a coragem de primeiro adaptar-se para propor mudanças. No seu entender, todos os professores das escolas de medicina deveriam possuir determinada formação pedagógica, com o objetivo de incrementar sua competência para a solução dos problemas docentes. O pessoal formado pedagogicamente aumentaria, por certo, a eficiência da Faculdade de Medicina; melhorar-se-iam os meios de planificação e avaliação dos planos de estudo; elevar-se-ia a qualidade do ensino e estaria o pessoal docente em melhores condições para fazer frente ao aumento do número de alunos.*

*Decorridos quase 10 anos da tentativa de implantação desta metodologia de ensino na Faculdade, nada mais lisonjeiro, para objetivar a qualidade do Professor e do Diretor que foi Versiani, do que constatar a identidade de suas idéias com as conclusões a que chegaram os peritos da Oficina Regional da Organização Mundial da Saúde, em simpósio realizado em San Remo (Itália), em abril de 1972. Temos testemunho do ardor com que defendia ele a necessidade de incrementar-se a utilização dos meios áudio-visuais; a utilização da psicologia do aprendizado e do ensino; das características do professor e do aluno e de suas conseqüências para o ensino; do planejamento de plano de estudos; da relação entre aluno e professor.*

*Não iremos analisar aqui as complexas razões que tornaram inviável a implantação dessa mudança em nossa Faculdade. Todavia, na Clínica das Doenças Infecciosas e Tropicais há provas inequívocas das vantagens da nova metodologia de ensino. Um exemplo, nunca os alunos se interessaram tanto por uma patologia que antes temiam, como se brasileira não fosse; nunca os professores produziram tanto; poucas vezes se viu um hospital de "isolamento" tão acolhedor.*

*Em virtude da diferenciação do grupo estudioso da tropicologia médica, planejou-se e implantou-se, em regime interdepartamental, o Curso de Pós-Graduação em Medicina Tropical (Mestrado e Doutorado), cujas atividades foram iniciadas em agosto de 1972. É com justo júbilo que registramos a gratificação íntima de que se viu possuidor o Prof. Oscar Versiani, com a instalação de um curso*

de pós-graduação em patologia tropical, hoje fulcro da Disciplina que estruturou e tanta contribuição trouxe. Daqui por diante, a tarefa dele é nossa. Oxalá sejamos dignos dela, como ele o foi.

\* \* \*

Oscar Versiani foi um líder.

Fugindo a qualquer tentativa vã de analisar o poliedro que caracterizou a personalidade de Oscar Versiani Caldeira, uma nova compulsão me obriga a vislumbrar algumas de suas facetas. Ainda que a isto me proponha, horripila-me que minha miopia, ou a distância em que me colocava diante do objeto observado, deturpe seus contornos, impelindo-me a divisar quadriláteros num objeto que geométrica e filosoficamente não os comporta

Oscar Versiani foi um líder. Nada de improvisos desde as origens genéticas. Seu conteúdo inato pode ser sentido em sua descendência de "velha estirpe, que há mais de 2 séculos muito tem feito pela prosperidade de Minas Gerais". Sua consolidação deu-se no tempo, com dedicação ao trabalho e com imaginação criadora.

Numa época de crise aguda de lideranças, em quase todos os setores da atividade humana, chega a ser carismática a figura de quem se plasmou para lideranças, particularmente se foi ela exercida quando de uma quadra de descompasso para o ensino médico. Mas, assim se deu com Oscar Versiani. Predestinado, a afirmar-se em tempos de crise e de indecisões, ele se impôs e se manteve, até que fimbrias de sensatez surgissem nos mentores do ensino. E no exercício desta atividade, Oscar Versiani discutia, argumentava, persuadia e conquistava adesões para as suas idéias. Com a mesma simplicidade que as vendia, era capaz de comprá-las de outrem, por considerá-las de valor maior do que as suas.

Sempre foi corajoso — impulsivo como os jovens, às vezes, mas forte, competente, tolerante e humilde. Não era de velar com biocos sua ira quase sagrada, frente à incompetência e a insolência. E isto herdou dos pais. Vem dele mesmo um relato que vale a pena recordar. Transferindo-se a família de Diamantina para a capital recém-fundada, o pai se viu em justificáveis apuros para educar seus 14 filhos, razão última e profunda da mudança encetada. Não foi fácil a tarefa. De uma feita, escreve Versiani, "sentindo-se em dificuldades financeiras, o mineiro de que vos falo procurou o governante, então detentor das rédeas do Estado, expôs-lhe com franqueza a situação, declarando de modo positivo que a melhoria pretendida, na sua condição de funcionário, seria destinada à manutenção dos filhos no estudo. Estarrecido, ouviu daquele a quem cabia em mór parte orientar os seus co-estaduanos, a seguinte expressão: "Com isto o senhor quer é tornar seus filhos vagabundos; na cidade já estamos cheios de bacharéis". Mansamente, como era de seu costume, continua Oscar Versiani, o nosso personagem, demonstrando uma vez ainda a têmpera com que fora forjado, retrucou ter ido ali em busca de melhores condições de trabalho e não de normas para educação de seus filhos, pois essas já as possuía... e ativo, retirou-se mais firme nas disposições para a luta". Também Oscar Versiani era homem de igual têmpera.

Ele era avesso aos elogios e só parcamente os prodigalizava, mesmo às suas extensões mais próximas. Pelo crivo de sua perspicácia, ele sabia que o elogio barato e sem sentido colocava a pessoa elogiada na defensiva e constrangido frente à liderança espúria. No trato dos homens e particularmente no exercício de suas atividades de mestre e pesquisador, preferia a advertência motivada

ou mesmo a crítica espontânea e dosada, em proveito de algo positivo e construtivo. A questão fundamental não era fazer o bem, mas fazer o certo, sempre ditado por motivos elevados. Não raro, munia-se da crítica liberal, franca e dura, pois percebia que o incenso, o louvor fátuo não agradam sequer aos deuses, mas constituem fermento de que se alimenta a hipocrisia.

Como líder que era, mostrava-se infenso aos aplausos. Não os procurava, nem via neles sentido. Se aplausos houve em sua vida, deles não tomou conhecimento, pois nem sempre se encontrava onde eles eventualmente pudessem ser gerados. Embora grandemente convicto de seu valor, não era homem de ribalta; seus instrumentos como a oratória, a eloquência e a maneira não eram o seu forte; e, além do mais, possuía idiosincrasia pelo lirismo centescente, tão do gosto de sua época. Preferia os bastidores, onde aprendeu a cultivar a arte bem mineira da conversa ao pé do ouvido, modelando destarte sua obra com objetividade, determinação e coragem, mas timbrada de inata habilidade política.

Existiam aparentes contradições em certas facetas da personalidade de Oscar Versiani. Ele poderia, conforme o ângulo, ser considerado um homem duro. Mas, da medida em que esta dureza retratasse o sentido que lhe empresta a ternura de Saint-Exupery, ele tinha direito de sê-lo, pois duro antes fora para consigo mesmo. E no entanto, Oscar Versiani foi um homem bom.

Em diversas oportunidades, ele pontificou a bondade que exornava a personalidade de seu dileto mestre Alfredo Balena. Mas os padrões de bondade dessa outra criatura, que marcaram fundos sulcos na formação do aluno, não podiam ser entendidos como um ato de praticar o bem. Entendam-me os insensatos, se na definição se insinua algo a sugerir subversão moral. Balena, de fato, não possuía qualidades para ser bom ou para exclusivamente praticar o bem, a feição do que preconizava o filósofo Jeremias Bentham. Segundo relato do próprio Oscar Versiani, "eram os ditames do coração que traçavam a rota de Alfredo Balena". "O bem a outrem feito", continua o discípulo, "muita vez a si mesmo gerava um mal; mas, por infaustas que fossem as conseqüências, por mais ingratos que fossem os resultados auferidos, Balena não se arrependia, pois haviam emanado de um ato de bondade". Pelo que se depreende do pensamento de Versiani, há algo da doutrina Kantiana na definição deste ato de bondade. Sente-se, claramente, que a prática da virtude traz implícito o seu próprio prêmio, do mesmo modo que deve ser seu próprio castigo o paciente suportá-la.

Não conheci Alfredo Balena, mas sei que foi um homem bom; bom, nos moldes em que Oscar Versiani também o foi. A verdade é que não me lembro dele praticando intensamente o bem, como se pautasse sua vida num salutar horror ao erro e a perceber o doloroso dever de castigar o pecado. Sob o manto desta bondade tão cômoda, nem Balena nem Versiani seriam reconhecidos. A bondade, que entendo tenham praticado — mais do que um ato generoso percebido na atitude de Kant — foi moldada em preceito positivo do "amai uns aos outros" e do amor a si mesmo se basta. Por isto, a bondade de Oscar Versiani foi moldada em amor, em realizações positivas, sem preocupações de natureza repressiva ou proibitiva. E mesmo assim, a feição dos que tanto se imolaram por sentirem genuíno amor ao próximo, não puderam Alfredo Balena e Oscar Versiani evitar o opróbrio e a injustiça em determinadas épocas de suas vidas.

No convívio dos amigos, ele exibia um temperamento nitidamente diamantinense: era alegre, versátil e gostava de brincadeiras. Qual um Picasso definido pelo poeta e amigo Rafael Alberti, "sua conversa era extraordinária pela quantidade indescritível de ingredientes que lhe acrescentava, como contos de horror, certas monstruosidades tipicamente espanholas, e até mesmo anedotas



*que inventava". Substitua-se a origem espanhola das monstruosidades, retire-se do horror qualquer compromisso que possa ter com Alan Poe e salpique nas anedotas o tempero de Mendes Campos, e teremos um esboço da criatura amigável que foi Oscar Versiani.*

*Se na figura do líder, parte inata, parte adquirida, não se emolduraram outras qualidades que nossa teórica e imaginária acepção exige, não o culpemos por isso. Além do mais, o engano pode ter sido nosso de não tê-las vislumbrado. Mas, se de fato, elas lhe faltaram respeitemo-lo ainda assim, pois de pecadilhos também vive a pessoa humana. Quanto a mim, seu discípulo e amigo, repugna-me representar em minha memória Oscar Versiani como espectro de homem, a exercer uma liderança teratológica e incompreensível. Antes de mais nada, é balsâmico para mim imaginá-lo como o homem que foi e reconhecer-lhe o mérito em tudo o que conseguiu fazer; pois o fez a seu modo, impregnando todo o seu ser na coisa feita. A ele, em meu nome, e no da Congregação desta Casa, que tanto amou, o nosso preito de imorredoura gratidão.*